AGRADECIMENTO DA FAMÍLIA

Pedro Paulo de Sousa Montenegro

Dia a dia, no mundo moderno, vemos esgotarem-se as últimas consequências da insurreição e da rebeldia contra o Absoluto. Deus e seus valôres são postergados enquanto se subvertem os princípios de ordem hierárquica daquilo que veio a constituir a conquista da civilização cristã no Ocidente.

Os resultados estão inscritos em nossas almas, neste desespêro, nesta angústia que nos mantém sufocados e nos impede de respirar.

Nem tudo, porém, estará perdido enquanto formos capazes de acreditar e de confiar no homem. Essa crença é solidária de uma outra fé, na transcendência de Deus e na divindade de Cristo.

Se isto é válido no domínio universal da civilização, o é, em profundidade, muito mais no domínio particular de uma família que foi estritamente desenvolvida e alimentada à sombra de uma "presença".

A *grande presença* é a única imagem que me acode para explicar, no seio de nossa família, a personalidade de José Bonifácio de Sousa — o José, o Bonifácio, o Dedé. Cada um dava-lhe um tratamento familiar diferente, mas todos nêle encontravam o exemplo, a proteção, a segurança.

Se foi filósofo Cícero quando escreveu, em suas *Filípicas*, que "a vida dos mortos perdura na memória dos vivos", não necessitamos de filosofia, mas de sensibilidade tão-sòmente, para testemunhar, no íntimo de nossos espíritos, a grande luta dessa imensa "presença" — *presença* sem adjetivo, diríamos melhor, contra a invasão de uma ausência que não pode ser.

Não; "não é morrer, já concluira Campbell, e viver nos corações que deixamos nos pósteros". José Bonifácio de Sousa vive e viverá nas mentes e nos corações que lhe eram caros, nos seus familiares a quem legou a mais valiosa das heranças: a honradez de caráter aliada à

mais profunda seriedade de atitudes, nos seus colegas do Banco do Brasil, a quem deixou lembrança de competência e do melhor companheirismo, em seus amigos na administração do Estado do Ceará, a quem deu provas constantes de lealdade e capacidade, em seus pares no Instituto do Ceará, a quem devotou a maior admiração e os momentos mais felizes de sua vida consagrados à pesquisa e aos estudos da história e da tradição de seu estado natal.

Filho de Alfredo Pereira de Sousa e de Dona Amélia Abreu de Sousa, ainda viva, aos 95 anos de idade, nasceu José Bonifácio de Sousa em Quixadá, a 1.º de novembro de 1901 e faleceu em Fortaleza, no Pensionato Eduardo Salgado, da Santa Casa de Misericórdia, a 17 de abril de 1970.

Foram 68 anos de vida que construiu vigilantemente, dia a dia, desde o início de seus estudos no Mosteiro de São Bento, na Serra do Estêvão, passando por estudos preparatórios no Rio de Janeiro, no Colégio Castelo Branco e no Liceu do Ceará. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, na turma de 1930, onde nasceu a amizade com seu confrade neste Instituto Histórico e Governador do Estado, Dr. Plácido Aderaldo Castelo, com quem, em nome desta amizade, por desprendimento de si próprio e acendrado amor ao Estado, aceitou colaborar ativamente na Secretaria de Administração do Estado, como titular, e por várias vêzes, interinamente, nas Secretarias da Fazenda e da Agricultura.

Diplomado também em ciências contábeis e pesquisador ativo de nossa História, entregou-se ainda às lides do magistério, lecionando na Faculdade de Ciências Econômicas — Economia Bancária, na Faculdade Católica de Filosofia, hoje Faculdade de Educação do Ceará — História da Civilização Brasileira, e dirigindo as Escolas Profissionais do SENAC em Fortaleza.

Ingressou, por concurso, no Banco do Brasil, percorrendo tôda a carreira, em vários postos, nos estabelecimentos que mantém a Instituição no norte, nordeste e centro-leste do país. Assim, além de Fortaleza, exerceu as funções de contador em Parnaíba (Piauí), gerente em Crato (Ceará) e Manaus (Amazonas) e Inspetor na zona cacaueira da Bahia: Itabuna, Ilhéus e Belmonte. Colaborou na instalação do Banco do Nordeste do Brasil, onde foi Superintendente e Diretor.

Tôdas essas múltiplas atividades e posições que, por si, falam a cada um de seus familiares e amigos de uma figura exemplar, capaz de motivar a todos a procurar, com dignidade, um *status* e um papel na sociedade, não bastaram a seu grande ideal na vida: a pesquisa histórica.

Fundador da Sociedade Cearense de Geografia e História e membro do Instituto do Ceará, aprendera cedo a lição de Seignobos de que "a história se faz com documentos", e de que êstes "são os traços que deixaram os pensamentos e os atos dos homens do passado". Vai, então, pautar tôda a sua vida, sem prejuízo das funções bancárias,

docentes ou administrativas, — antes até em razão daquelas mesmas funções — por um esquema mental que o norteará incessantemente para uma busca sôfrega de documentos, numa primeira etapa, e numa segunda, mais valiosa que a primeira, para uma meticulosa análise dêsses documentos. E a morte, ceifeira implacável — vai colhê-lo justamente quando mais reunira e analisara e tão-sòmente retardara a publicação, à espera de uma última demão por êle tão desejada e sempre tão generosamente adiada para atender a solicitações de ajudas no setor político e social, no campo da administração estadual ou da assistência rural aos moradores de sua fazenda em Quixadá.

Dentre seus trabalhos, fruto de minuciosa pesquisa histórica, destacam-se :

— *Leandro Bezerra Monteiro* (Esbôço Biográfico), de 1945.
— *Serra do Estêvão,* 1947.
— Discurso de Posse no Instituto do Ceará, versando a vida e a obra de Eusébio de Sousa, Joaquim Catunda e Mons. Bruno Figueiredo, 1950.
— *Centenário de Tomás Pompeu de Sousa Brasil,* de 1952.
— *Formação Histórica do Comércio Cearense,* de 1954.
— *Quixadá, de Fazenda a Cidade,* de 1960.

Em *Leandro Bezerra Monteiro,* estuda uma das páginas candentes da História de nosso Império: a questão religiosa. Mostra o biógrafo tôdas as facêtas do cratense ilustre: sua influência entre colegas da Faculdade de Recife, e exercício de uma brilhante magistratura em Sergipe e sobretudo sua posição na Câmara, e por três vêzes eleito, onde se revelou grande militante no partido conservador, vergastando, porém, o gabinete Rio Branco e só descansando quando, substituído êste pelo Duque de Caxias, se deu a anistia dos bispos e se procurou um fim honroso para a questão.

Em *Serra do Estêvão,* traça com esmêro e mais do que esmêro, carinho, o perfil cultural de uma época de ouro que se desenvolveu no Mosteiro-Colégio, hoje Casa de Repouso, nas proximidades de Quixadá. É o memorialista sentimental que, sem sufocar o historiador objetivo, se deleita em narrar coisas que lhe foram familiares na infância, quando freqüentou a escola de oblatos, fundada a 10 de março de 1913, por Dom Ruberto Rydolph.

Em *Quixadá, de Fazenda a Cidade,* vemos o historiador aliado ao sociólogo. É estudada, num período de dois séculos, de 1755 a 1955, uma comunidade rural típica do Ceará, quiçá a mais típica porque chega à conclusão seu autor. "A crônica desta terra é o resumo da história de todo o vasto sertão em que se acha encravada. Não há, talvez, outro

município no Ceará que melhor caracterize a formação da sociedade rural, desde a fase inicial da ocupação até o atual estágio de desenvolvimento."

Aí tudo perquire, examina e analisa, do ponto de vista histórico e sociológico. É o aldeamento dos Canindés e Jenipapos, o devassamento da zona, "as duas léguas de caatinga, uma casa de taipa e um curral comprados pela quantia de duzentos e cinqüenta mil réis, pelo capitão José de Barros Ferreira em 1747 a Manuel da Costa Travassos, morador na capitania do Rio Grande. O nome de Quixadá, o advento e o desenvolvimento da vida religiosa, as famílias pioneiras: os Lemos e os Queirozes, a legislação nascente, as tradições, a economia pastoril e agrícola: as obras contra as sêcas, obras de resgate do homem, centralizadas no momento arquitetônico que é o Açude do Cedro e no colosso de riqueza para a região que é o Açude do Choró. É a pequena açudagem que se multiplica e fixa o homem à terra. Enfim, tôda a formação administrativa, econômica e social. E as irradiações levadas pelo Brasil afora de filhos ilustres daquela terra, de início cognominada "curral da fome", hoje cidade próspera, de economia consolidada. São médicos, advogados, magistrados, engenheiros, professôres, jornalistas, comerciantes nos grandes centros do sul do país, que como êle — José Bonifácio de Sousa, se esforçaram ou continuam a fazê-lo para construir e produzir."

Êste livro, publicado pelo Conselho Nacional de Estatística do I.B.G.E., foi escrito com inteligência e experiência de historiador e sociólogo, mas sobretudo com carinho e deslumbramento de um espírito entranhadamente apaixonado pelo rincão sertanejo que o viu nascer, e viu dar os primeiros passos nas coisas de espírito entre os monges beneditinos, o viu homem de negócios na administração de uma fazenda, tida hoje como modêlo, e o viu zelador e conservador vigilante de suas tradições e de seus valôres.

Outros de seus trabalhos, encontramo-los esparsos pela *Revista do Instituto do Ceará*, onde focaliza personalidades de vulto, como Eusébio de Sousa, Joaquim Catunda, Mons. Bruno Figueiredo, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, ou o desenvolvimento do comércio cearense.

Mas — ó tragédia do destino humano — o melhor de si, aquilo que acariciava em seus longos momentos de meditação, roubados às noites ou às madrugadas de repouso, ao convívio com os seus em domingos e feriados, ficou inédito. São pesquisas valiosas em continuação ao Dicionário Biobibliográfico do Barão de Studart, são coligidos e analisados para uma história econômica do Ceará, são informações para estudos da vida religiosa em nossa terra, são subsídios para uma História dos Grandes Vultos Cearenses.

Por tudo isso, José Bonifácio de Sousa não pode ser uma ausência. Ficou. Permanecerá na lembrança e no afeto de seus familiares, na simpatia de seus amigos e correligionários, e neste Instituto do Ceará,

ao qual sempre devotou a máxima consideração e emprestou a mais irrestrita colaboração e que abre suas portas numa homenagem póstuma, para reconhecer-lhe, de público, os méritos.

Em nome de sua família e com a alma dilacerada pela saudade de seu tio, meu sogro, meu conselheiro e meu amigo, trago os agradecimentos ao Sr. Presidente dêste Instituto, à mesa Diretora dêstes trabalhos, a cada um dos seus membros da Agremiação em que só via um companheiro e um amigo e particularmente ao prof. José Denizard Macedo, seu particular amigo de tôdas as horas, escolhido pelo Instituto para homenageá-lo pòstumamente.

A todos, os agradecimentos da família e a certeza de que continuaremos a considerá-los, a cada um em particular e ao Instituto reunido, lídimos paladinos dos valôres espirituais por quem tanto lutou, em vida, José Bonifácio de Sousa!